

# HISTÓRIA DE VIDA E TRAJETÓRIA DOCENTE DE PROFESSORES/AS BRASILEIROS/AS

Life story and teaching trajectory of Brazilian teacher

Juliana Santiago Pereira<sup>12</sup>

**Resumo:** O presente trabalho trata-se de uma sistematização de todo o processo de pesquisa desenvolvido ao longo do último ano, segundo semestre de 2023 e o primeiro semestre de 2024. Após diversas etapas durante este processo, que deu continuidade aos estudos e levantamentos de dados realizados no ano anterior. Dentre estas atividades foram feitas a realização, transcrição, transcrição e textualização de entrevistas com narrativas (auto)biográficas de professores. Tendo em vista esses próprios professores como principais construtores de seus saberes. Com isto, foi possível levantar reflexões acerca de diálogos levantados a partir destas entrevistas e os referenciais teóricos estudados sobre a temática envolvendo história de vida de professores. Sendo assim, a metodologia central utilizada para a presente pesquisa é a História Oral, aliada à História Pública.

**Palavras-chave:** História de vida. Narrativas autobiográficas. Narrativas docentes.

**Abstract:** This work is a systematization of the entire research process developed over the last year, the second half of 2023 and the first half of 2024. After several stages during this process, which continued the studies and data collection carried out in the previous year. These activities included conducting, transcribing, transcribing and textualizing interviews with (auto)biographical narratives of teachers. Considering these teachers themselves as the main builders of their knowledge. With this, it was possible to raise reflections about dialogues raised from these interviews and the theoretical references studied on the topic involving teachers' life stories. Therefore, the central methodology used for this research is Oral History, combined with Public History.

**Keywords:** Life story. Autobiographical narratives. Teaching narratives.

---

<sup>12</sup> Graduanda do curso de pedagogia na Universidade Federal do Rio Grande do Norte - UFRN. Grupo Trajetórias Docentes. Currículo lattes: <http://lattes.cnpq.br/6160643377446144>. Pesquisa pelo Programa de Bolsas de Iniciação Científica PIBIC (IC). E-mail: [julianasantiagoeduc@gmail.com](mailto:julianasantiagoeduc@gmail.com).

## Introdução

A presente escrita tem como sua centralidade as narrativas (auto)biográficas de professores, considerando que estes são os principais construtores de seus saberes. Como aponta Tardif (2000), a prática docente é o que torna necessário os aprendizados e ações específicas deste fazer profissional. Deste modo, consideramos as entrevistas realizadas um material de grande potencial para trocas de saberes e de novos aprendizados sobre a atuação docente.

Assim, através deste trabalho, podemos amplificar (PORTELLI, 2016) as vozes dos professores que, por vezes, são marginalizadas quando se trata sobre o trabalho docente, mesmo sendo estes os ocupantes principais no que diz respeito à prática do ensinar. “Ao invés de uma prescrição do que os professores devem fazer e/ou devem aprender, torna-se indispensável compreender o que já sabem e fazem.” (ANDRADE; ALMEIDA; SILVA, 2019 p. 161). Tendo isso em vista, podemos entender que os professores entrevistados assumem uma posição de sujeito principal na construção de seus saberes, não apenas receptor e reproduzidor de conteúdos. Desta forma, seus saberes são devidamente valorizados.

Dito isto, além de reconhecermos o professor como sujeito principal de seus saberes e práticas, a partir da realização e análise das entrevistas, juntamente com as reflexões acerca das referências bibliográficas sobre narrativas e o trabalho docente, pudemos perceber que a história de vida está intimamente ligada a suas ações profissionais. Assim, fatores sociais como, seu processo educacional, etnia, gênero e classe, são questões que causam influências significativas nas práticas docentes e na identidade profissional do indivíduo. Com isso, podemos enfatizar também que o saber e fazer docente envolve muitas questões que vão além da reprodução de conteúdos.

Neste sentido, os professores que são convidados a compartilhar sobre seus saberes, narram em suas entrevistas um pouco sobre sua história de vida. Considerando o que foi apresentado, ao analisar os dados coletados, estudos e diálogos com as entrevistas feitas, buscamos levantar reflexões acerca dessas interligações, entre história de vida pessoal e o trabalho docente, ao longo da

formação e carreiras dos professores que compartilharam conosco as suas narrativas.

Em suma, a presente pesquisa é voltada para a (auto)biografia de professores/as brasileiros/as, a fim de realizar um trabalho na qual podemos refletir sobre essas histórias de vida e apontar quais são os fatores principais que marcaram a trajetória desses professores e, como tais fatores os influenciam na sua carreira docente. Havendo então uma colaboração e compartilhamento de novos saberes em relação ao saber e fazer do professor.

## Metodologia

Ao longo da construção deste trabalho, primeiramente tivemos como objetivo principal uma melhor apropriação dos conceitos teóricos sobre história oral, história pública, e narrativas (auto)biográficas sobre a história de vida e saberes docentes. Sendo assim, participamos de reuniões com o grupo do projeto, onde dialogamos com base nos principais pesquisadores sobre esta metodologia e trajetória docente. Tais como Portelli (2016), Tardif (2014), Santhiago (2016), Almeida (2016, 2018, 2019), entre outros.

Neste sentido, como no período do ano anterior eu já havia realizado um mapeamento bibliográfico, pude obter um levantamento geral sobre as pesquisas realizadas com nossa temática de interesse. Assim, foi possível dar continuidade ao embasamento teórico conhecendo diversos possíveis referenciais. Com isto, durante as reuniões do grupo, pudemos fazer um cruzamento e análise dos dados levantados. Assim como, uma maior apropriação referencial teórico-metodológico envolvendo narrativas, história de vida de professores, formação docente e história oral.

Juntamente a isto, auxiliei na gravação de entrevistas, também realizando o trabalho de transcrições, textualizações e transcrições destes materiais, que tornaram-se fontes para nossos estudos. Estas entrevistas, e outras já gravadas anteriormente, em áudio ou áudio-visual foram disponibilizadas em nossos acervos na web. Sendo as gravadas em áudio organizadas no repositório do Laboratório de História Oral e Imagem - LABHOI, na aba voltada à Rede Trajetórias Docentes e, os arquivos em vídeo disponibilizados no canal da Rede no YouTube. Na

disponibilização destas entrevistas em nossos acervos, realizei o processo de escrever um resumo sobre as falas dos entrevistados. Facilitando assim, as buscas pelos possíveis pesquisadores de acordo com seus interesses.

Das entrevistas utilizadas todas tratavam de narrativas (auto)biográficas sobre a história de vida e profissional dos docentes entrevistados. Sendo estes, sujeitos ativos e principais no que diz respeito à construção e compartilhamento de seus saberes e práticas docentes. Em suma, no trabalho com história oral buscamos desenvolver diálogos e trocas de conhecimento, não apenas uma entrevista visando respostas certas ou erradas.

A história oral não é feita de sujeitos abstratos, mas dos micropoderes cotidianos, das construções da memória social; das resistências e dos sentidos da afetividade na história. O trabalho com história oral, a partir desses princípios, não tem como consequência apenas a divulgação da informação, mas a produção de conhecimento sensível que poderá implicar em compromissos públicos; por meio de debates amplos e processos de reconhecimento. (ALMEIDA, 2018, p. 107).

Tendo isso em vista, utilizando a metodologia da história oral, nossas entrevistas não tratam apenas de uma coleta de dados, mas sim uma fonte para nossos estudos. Fizemos então um cruzamento e análise de dados, seguindo a perspectiva de Paulo Thompson (2002). A partir delas podemos construir uma interação entre entrevistador e entrevistado, promovendo reflexões críticas de forma mútua sobre os saberes e práticas docentes. Neste sentido, nosso objetivo não é documentar fatos, julgar qual é a História “certa” ou “errada”, tampouco obter respostas já esperadas. Porém, buscamos ouvir aquilo o que tem a nos dizer os principais sujeitos de suas histórias, vivências e saberes.

Sendo assim, os próprios professores relatam sobre o que têm a nos ensinar em relação às suas memórias de vida e também sobre suas práticas em sala de aula. Isso nos possibilita tirar o educador de um lugar apenas de aplicador de conteúdos e enxergá-los de fato como principais sujeitos de seus conhecimentos e práticas. Desta forma, sobre a periferização do trabalho docente, compartilhamos da mesma ideia sobre as palavras de Andrade, Almeida e Silva ao dizer que:

A periferização do trabalho docente, nesse sentido, é lida na

dimensão da subalternização, por meio da regulação pelas políticas públicas, em especial pelas políticas curriculares. A regulação do trabalho docente recoloca em cena, mais uma vez, a perspectiva dos professores enquanto *aplicadores* de políticas e de conhecimentos externos preestabelecidos, como têm delineado as políticas públicas atuais. (ANDRADE; ALMEIDA; SILVA, 2019, p. 162).

Portanto, também devemos lutar por políticas públicas que valorizem os professores e os reconheçam como sujeito principal de seus saberes e práticas. A subalternização do lugar do professor como referência na sua própria atuação já se tornou algo estrutural socialmente. Por este motivo, é importante trabalhos que valorizem e amplifiquem as vozes destes profissionais que tanto têm ensinamentos a serem compartilhados.

## Resultados e discussão:

Como dito anteriormente, nosso objetivo principal com as narrativas (auto)biográficas não é saber ou obter um registro exato do que aconteceu no passado, mas o compartilhamento e construção de saberes. “Dessa forma, narrativas autobiográficas, orais e escritas, expressam a memória viva e constroem uma imagem abrangente e dinâmica da experiência” (ALMEIDA; ANDRADE, 2021, p. 139). Sendo assim, o papel do/a entrevistador/a é auxiliar este diálogo. Seja fazendo pontes entre os assuntos ditos, questionando o que poderia ser dito mas que, por alguma razão, o entrevistado não percebeu, auxiliar para que seja possível trazer as memórias dos entrevistados para uma continuidade fluida no diálogo, etc.

Ou ainda, melhor dizendo, o trabalho da memória parte primeiro do acaso, prolongando-se depois no esforço de ir juntando as lembranças e dispondo-as na narrativa. O esforço de recordar, anteriormente ao sucesso do acaso fundador, reconhece talvez a amplitude do passado, mas só será possível explorá-lo depois da gratidão de um ato inesperado e fundador. Uma vez encontrada a senha - um objeto, um som, o aroma, ou o sabor - será possível, então, ao narrador, iniciar a abordagem. (ALMEIDA; ANDRADE, 2021, p. 135)

A partir das discussões feitas, dentre tantas entrevistas estudadas, escolhi algumas destas narrativas como foco principal para a discussão neste trabalho. São



elas as entrevistas realizadas com Andreia Regina, Benjamin Capistrano, Luciano Capistrano, Nadson Gutemberg, Luiz Henrique e Lilian Lygihani.

Todos esses são/foram professores de História. Andreia Regina nasceu no final da década de 70, e já teve diversas experiências tanto na rede privada como na pública. Lecionou na educação básica e também no ensino superior em faculdade particular. Hoje é professora no município de Parnamirim. Enquanto Benjamin Capistrano, é um professor de história aposentado. Foi um militante do Partido Comunista em pleno período de ditadura militar. O que influenciou bastante sua escolha pela História e suas práticas. Dentre suas experiências profissionais, trabalhou no MOBREAL, na Universidade Estadual do Rio Grande do Norte - UERN e também fundando um sebo chamado *Cata Livros*. Seu filho, Luciano Capistrano, teve a possibilidade de desenvolver uma pesquisa histórica e a educação patrimonial, levando seu trabalho docente também para fora da sala de aula.

Sobre Nadson Gutemberg, sempre teve bom desempenho acadêmico desde sua educação básica. Mesmo com formações em outras áreas, ele ama a educação e sua escolha por ser professor. Todavia, Luiz Henrique e Lilian Ligihana, vieram a enfrentar barreiras durante a escolarização. No entanto, na fase adulta, ambos conseguiram superar tais dificuldades. Hoje, Luiz Henrique é professor concursado no Instituto Federal do Rio Grande do Norte - IFRN e, Lilian que já vivenciou a docência em escolas públicas e privadas, hoje opta por trabalhar apenas na rede pública. Pois, diz que na escola pública o professor tem mais liberdade para ensinar sem se sentir “moldada” por uma sistema da escola.

Com isso, analisando, revisitando e refletindo sobre a história de vida desses professores, fazendo ponte com as referências bibliográficas, pude perceber algo em comum entre as narrativas. Todos os professores mencionaram, de forma direta ou indiretamente, fatores que interligam a escolha pela profissão com a sua história de vida. Ou seja, sua opção por ser professor, não veio por acaso. Como exemplo claro, temos a fala do professor Luciano Capistrano, filho de Benjamin Capistrano (também professor):

A escolha do meu trabalho também não acontece à toa, isso

tem haver com a História de vida do meu pai. Como ele tinha sido perseguido, não chegou a ser preso mas teve toda uma vida, uma trajetória de vida interrompida, em função do golpe civil militar de 64. (2022)

Assim como Luciano, muitos dos entrevistados relataram influências familiares para sua escolha. Seja por ter parentes que já eram professores, ou por fatores que influenciaram indiretamente. Como, por exemplo, a professora Andreia Regina, a qual seus pais nem mesmo tiveram a formação escolar básica completa, mas incentivaram seus estudos. Além disso, recorda com carinho a sua avó que lhe contava histórias quando ainda era criança. Ou seja, mesmo que a avó de Andreia não tivesse a pretensão de influenciar sua neta na escolha pela docência, através de suas histórias ela despertou o interesse pela tradição e cultura popular.

Além de fatores familiares, o contexto histórico também é algo que contribui para a escolha pela docência. Como narra o professor Nadson que, além de gostar de História e Geografia desde criança, diz que sua paixão pela educação iniciou-se através do projeto educativo SACI, desenvolvido pelo INPE com a TV Universitária. Juntamente a isso, tendo um pai que ensinava no supletivo, Nadson cresceu compartilhando vivências dentro da educação.

Também há o exemplo do professor Benjamin Capistrano, pai de Luciano, que aos 14 anos se filiou ao Partido Comunista. No partido ele vivenciou momentos de militância e estudos sobre a filosofia marxista, em pleno período de ditadura militar. Sempre tendo apreço pela área de Humanas, o interesse pelos estudos e leituras, juntamente com suas vivências de lutas contra o período de ditadura militar, sua escolha por ser professor de História foi sendo construída ao longo de sua vida. Como ele mesmo diz: *“Eu sou um historiador porque gosto das coisas do passado, gosto das coisas antigas, gosto de ver, gosto de sentir, gosto de estudar.”* Além disso, ele relata que no vestibular teve nota suficiente para passar em outras graduações consideradas de mais “prestígio” pela sociedade, mas sua paixão era História. Seu desejo já era ser professor de História.

Todavia, um ponto curioso que pude observar foi que, ao contrário do que muitos costumam pensar, nem todo professor foi um aluno exemplar durante sua educação básica. Podemos também com isso questionar uma visão comum que traz o

trabalho docente como uma “vocação”, como algo já predestinado de maneira inata. O professor Luiz Henrique, ao contar sua história de vida, diz que durante seu período escolar passou por diversas reprovações. Ficando até mesmo por um período de quase dez anos longe da escola. Vindo voltar a estudar apenas depois dos 27 anos de idade, quando sentiu a necessidade de concluir o ensino médio buscando uma melhoria de vida.

Apesar disto, Luiz Henrique também relata que não obteve muita dificuldade na volta aos estudos, pois teve uma boa base educacional na escola onde estudava. E, superando as barreiras que enfrentou devido ao seu baixo rendimento escolar, ele veio a se tornar professor concursado do Instituto Federal do Rio Grande do Norte - IFRN. Isso nos faz refletir também que o saber docente é algo que se busca, algo construído, não um fator destinado apenas aos que “nasceram para isto”.

Assim como o professor Luiz Henrique, Lilian Lygihani também apresentou dificuldades durante seu período de ensino fundamental. No entanto, relata que isso se deu devido a problemas pessoais que enfrentou durante essa época. Com isto, conseguiu superar tais dificuldades ao longo do ensino médio. Isso nos possibilita refletir sobre algo que também é muito comum de se pensar. Por vezes, aquele aluno com baixo desempenho escolar é visto como alguém que sempre permanecerá neste lugar marginalizado. É comum percebermos um estereótipo de alguém que não é capaz de evoluir em sua aprendizagem atribuído a esses alunos. Lygihani e Luiz Henrique são apenas dois, de vários, exemplos que podemos encontrar para mostrar que alunos com dificuldades podem sim conseguir aprender e evoluir significativamente ao receber as intervenções necessárias.

## **Conclusões**

Com base no que foi aprendido e aqui escrito, pudemos perceber que a escolha pela docência é algo que carrega influências da história de vida do indivíduo. Ou seja, não é uma escolha tida por um acaso, muito menos como algo inato. Contrariando então, uma perspectiva de que ser professor é algo missionário, uma vocação pela qual o profissional já nasce pronto para esta função. Como vimos, memórias construídas com os familiares, contexto histórico, ambientes frequentados,



entre outras coisas, são fatores que contribuem para a escolha por esta profissão.

Além disso, é possível perceber que o saber e as práticas docentes é algo construído progressivamente. Sendo então o resultado de um longo caminho que percorre por diversas dimensões, individuais e coletivas, da história de vida juntamente com a formação acadêmica de cada sujeito. Como vimos na entrevista com Lygihane e com Luiz Henrique, por exemplo, nem sempre um profissional da educação é aquele que desde criança apresenta bom desempenho escolar. Sendo assim, este processo para se tornar professor/a é algo possível de ser percorrido por qualquer pessoa que tenha o interesse e que receba apoio e intervenções necessárias para superar as dificuldades. O que nos faz pensar também sobre a necessidade da garantia de políticas públicas aos que mais necessitam.

Portanto, através de narrativas de professores, podemos construir juntos aprendizados significativos que colaboram também com a construção de novos saberes. Em suma, saberes e práticas docentes vão muito além de reproduzir conteúdos aos alunos. Nós professores também temos muito o quê aprender uns com os outros. Ao dialogarmos compartilhando nossas vivências e memórias de vida, estamos juntos construindo novos aprendizados.

## REFERÊNCIAS

ABRAHÃO, Maria Helena Menna Barreto. Do paradigma tecnicista à aventura (auto)biográfica – narrativa de uma pesquisadora em educação. In: ABRAHÃO, Maria Helena Menna Barreto. (org.). **A nova aventura (auto)biográfica** – Tomo II. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2004.

ANDRADE, Everardo Paiva; ALMEIDA, Juniele Rabêlo (Orgs.). **História oral e educação: experiência, tempo e narrativa**. São Paulo: Letra e Voz, 2019.

ANDRADE, Everardo Paiva; ALMEIDA, Juniele Rabêlo; SILVA, Mariana, Mizael. Artes de ensinar, ofício de viver: das narrativas (auto)biográficas a uma história pública dos professores. **Revista de ensino de História**. v. 8, n. 15, 2019.

ANDRADE, Everardo Paiva; ANDRADE, Nívea. História pública e educação: tecendo uma conversa, experimentando uma textura. In: MAUAD, Ana Maria; ALMEIDA, Juniele Rabêlo; SANTHIAGO, Ricardo (Orgs.). **História pública no Brasil: Sentidos e itinerários**. São Paulo: Letra e Voz, 2016.

ALMEIDA, Juniele Rabêlo. Práticas de história pública: O movimento social e o trabalho de história oral. In: MAUAD, Ana Maria; ALMEIDA, Juniele Rabêlo; SANTHIAGO, Ricardo (Orgs.). **História pública no Brasil: Sentidos e itinerários**. São Paulo: Letra e Voz, 2016.

BENJAMIN, W. **Magia e técnica, arte e política: ensaios sobre literatura e história da cultura**. São Paulo: Brasiliense, 2016.

FONSECA, Selva Guimarães. **Ser professor no Brasil**. São Paulo: Papirus, 1997.

CABRAL, Lilian Lyghiane da Silva. [41 anos]. [junho 2023]. Entrevistador: João Victor Azevedo. Natal, RN, 11 de junho de 2023

CAPISTRANO, Benjamim. [agosto, 2022]. Entrevistadora: Aliny Dayany Pereira de Medeiros Pranto. Natal, 18 de agosto de 2022.

CAPISTRANO, Luciano Fábio Dantas. [agosto, 2022]. Entrevistadora: Aliny Dayany Pereira de Medeiros Pranto. Natal, agosto de 2022.

FRISCH, Michael. A história pública não é uma via de mão única: De A shared Authority à cozinha digital, e vice-versa. In: **História pública no Brasil: Sentidos e itinerários**. São Paulo: Letra e Voz, 2016.

GOODSON, I.F. Dar voz ao professor: as histórias de vida dos professores e o seu desenvolvimento profissional. In: NÓVOA, A. (org.) **Vidas de professores**. Portugal: Porto Editora, 2013.

Developing life and work histories of teachers. In: ABRAHÃO, Maria Helena Menna Barreto. (org.). **A nova aventura (auto)biográfica** – Tomo II. Porto Alegre: ED.2004a.

HALBWACHS, Maurice. A memória coletiva. São Paulo: Centauro, 2017.  
HUBERMAN, M. O ciclo de vida profissional dos professores. In: NÓVOA, A.(org.) **Vida de professores**. Portugal: Porto Editora, 2013.

LARROSA, Jorge. **Tremores: escritos sobre experiência**. Belo Horizonte: Autêntica, 2020.

MEIHY, José C. S. B.; HOLANDA, Fabíola. **História oral, como fazer, como pensar**. São Paulo: Contexto, 2017.

MEIHY, José Carlos S. B.; SEAWRIGHT, Leandro. **Memórias e narrativas: história oral aplicada**. São Paulo: Contexto, 2020.

MENDES, Andreia R.M . [44 anos. [abril 2021]. Entrevistadora: Aliny Pranto. Natal,

RN, 12 abril 2021.

NÓVOA, A. Os professores e as histórias da sua vida. In: NÓVOA, A.(org.). **Vidas de professores**. Portugal: Porto Editora, 2012.

PRANTO, Aliny D. P. M. História da educação e os repositórios de história oral no Brasil. **REVASF - Revista de educação da Universidade Federal do Vale do São Francisco**. v. 11, p. 1, 2021.

BEN-PERETZ, Miriam. Episódios do passado evocados por professores aposentados. In: NÓVOA, A. (org.). **Vidas de professores**. Portugal: Porto, 2013.

PORTELLI, Alessandro. **História oral como arte da escuta**. São Paulo: Letra e Voz, 2016.

SANTOS, Nadson, G.S. [setembro 2021]. Entrevistadora: Aliny Pranto. Natal, RN, 22 setembro 2021.

SOUZA, Elizeu. **O conhecimento de si: estágio e narrativas de formação docente**. Rio de Janeiro: DP&A; Salvador: UNEB, 2006.

SOUZA, Elizeu; PASSEGGI, Maria da Conceição; VICENTINI, Paula Perin (Orgs.). **Pesquisa (auto)biográfica: trajetórias de formação e profissionalização**. Curitiba: CRV, 2013.

TARDIF, Maurice. **Saberes docentes e formação profissional**. Petrópolis: Vozes, 2014.

THOMPSON, Paul. **A voz do passado, história oral**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2002.